



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

IH1305 – SEMINÁRIO DE ESTÉTICA E POLÍTICA

2026/2

Sala 10 dos professores

Prof. Pedro Hussak

PLANO DE CURSO

Título:

A cena transcultural: a estética à prova da antropologia

Ementa

O ponto de partida é o debate do GDAT, organizado por Tim Ingold na Universidade de Manchester em 1993 no qual se propôs, dentro de um formato “parlamentar”, uma disputa em torno da pergunta: “a estética é uma categoria transcultural?”. A moção pelo SIM foi defendida por Howard Morphy e Jeremy Coote, mas a moção pelo NÃO sustentada por Peter Gow e Joanna Overing obteve uma vitória acachapante dentro da comunidade de antropólogos presentes à reunião. Isso ocorreu principalmente em função dos argumentos levantados por Gow que, na esteira de *La Distinction: Critique sociale du jugement* (1979) de Pierre Bourdieu, argumentou que o juízo estético, no fundo, trata de fazer distinções, o que contradiz o trabalho antropológico que, em suma, deve evitar fazer julgamentos. Na esteira dessa discussão, Alfred Gell, em *Arte e agência* (1998), afirma que a antropologia da arte não pode determinar as qualidades estéticas, mas apenas estabelecer por meio das expressões artísticas, as relações sociais. Nesse curso, pretende-se tratar a antropologia da arte como mais um sintoma do que Jacques Rancière chamou de “mal-estar na estética”: nesse caso, o problema não seria tanto as “projeções filosóficas” sobre a obra, mas o fato de que sendo um pensamento europeu do século XVIII, a estética teria um escopo limitado às expressões ocidentais. A hipótese principal

do curso é que, de uma maneira geral, essa crítica parte de uma concepção de que a estética seria uma “teoria do Belo”, sendo este algo determinado na tradição greco-romana, o que limitaria outras maneiras de apreensão da expressão artística. Para se contrapor a essa ideia, propõe-se radicalizar o enunciado kantiano de que o “belo é sem conceito” de modo que esse pensamento, na realidade, libertou o campo da sensibilidade das regras das Belas Artes. Sustenta-se, portanto, que a estética é uma categoria transcultural na medida em que ela expressa a *aisthesis*. Com essa formulação, diferente da recusa da antropologia britânica do campo da estética nos anos 1990, é perfeitamente plausível propor uma metodologia na qual seja possível considerar os atravessamentos entre as disciplinas.

Cronograma

Aula	Conteúdo	Referências sugeridas
1.	Apresentação do curso	
2.	Fundamentos da estética filosófica: “O belo sem conceito”	Kant/ Baumgarten
3.	O mal-estar na estética na contemporaneidade	Jacques Rancière
4.	“A estética é uma categoria transcultural?”: o debate no GDAT	Tim Ingold (<i>Key debates in anthropology</i>)
5.	A rede de Vogel	Alfred Gell/Arthur Danto
6.	Para além da estética: o conceito de <i>agência</i>	Alfred Gell
7.	Ontologia e figuração	Philippe Descola
8.	Conceitos amazônicos de imagem	Davi Kopenawa/ Carlos Fausto
9.	Estética e agência nas artes indígenas amazônicas	Lucia Hussak van Velthem/ Els Lagrou/ Carlos Fausto
10.	Visibilidade e opacidade: A arte indígena contemporânea	Jaider Esbell
11.	Kant diante do desafio decolonial	Walter D Mignolo/ Denise Ferreira da Silva
12.	O sublime amazônico: <i>O Manifesto do naturalismo integral</i> de Pierre Restany	Pierre Restany/Frans Kracjberg
13.	Cosmopolítica, arte, emancipação	Etienne Balibar/ Patrice Maniglier/ Eduardo Viveiros de Castro
14.	Conclusão: estética e transculturalidade	
15.	Avaliação do curso e entrega dos trabalhos finais	

Metodologia

- . Leitura, apresentação e discussão de textos selecionados.
- . Recurso audiovisual

Avaliação

A avaliação será feita em duas etapas:

1. Apresentação em sala de aula de um dos textos previstos no cronograma, elaborando um comentário crítico
2. Apresentação de um trabalho monográfico no final do curso, abordando temas debatidos em sala de aula

Bibliografia

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Tradução de Míriam Sutter de Medeiros. Petrópolis, Vozes, 1993.

BALIBAR, Étienne; MANIGLIER, Patrice. *La Terre ou le monde: divergences cosmopolitiques*. Paris: Miallet-Barrault Éditeurs, coll. « Disputatios », 2025.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, coll. « Le Sens Commun », 1979.

DANTO, Arthur C. *La transfiguration du banal : une philosophie de l'art*. Traduction Claude Hary-Schaeffer. Paris : Seuil, 1989. [1981]

DESCOLA, Philippe. *Les formes du visible : une anthropologie de la figuration*. Paris : Seuil, 2021.

FAUSTO, Carlos. *Ardis da Arte: Imagem, Agência e Ritual na Amazônia*. São Paulo : edUSP, 2023.

INGOLD, Tim (editor). *Key debates in anthropology*. London: Routledge, 1996.

INGOLD, Tim. *Faire anthropologie, art et architecture*. Traduction Hervé Gosselinget Hicham-Stéphane Afeissa. Paris: Dehors, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAGEIRA, Jacinto. *L'esthétique traversée: Psychanalyse, sémiotique, phénoménologie*. Paris : La lettre volée, 2007.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. *De près et de loin*. Paris : Odile Jacob, 1988.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2ª. Edição. Tradução Valério Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.

GELL, Alfred. *Arte e agência*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: UBU, 2020. [1998]

RANCIÈRE, Jacques. *Mal-estar na estética*. Tradução de Pedro Hussak e Gustavo Chataignier. São Paulo: 34, 2023. [2004]

RESTANY, Pierre. *Manifesto do Rio Negro: Naturalismo Integral (1978)*. Organização: Fabrício Fernandino. Belo Horizonte: UFMG, 1978. Disponível em << [Manifesto-do-Rio-Negro-do-Naturalismo-Integral.pdf](#)>>

VAN VELTHEM, Lucia. *O Belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio Alvim, 2003.

Artigos

CLIFFORD, James. *On Ethnographic surrealism*. In: Comparative studies in society and history. Cambridge: Cambridge University Press, Vol. 23, No. 4 (outubro, 1981).

DANTO, Arthur. "Artifact". In: *Art/artifact: African art in anthropology collections*. New York: Center for African Art and Prestel Verlag, 1988.

DW BRASIL. A armadilha psicodélica de Jaider Esbell. *Deutsche Welle (DW)*, 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-armadilha-psicod%C3%A9lica-de-jaider-esbell/a-59717656>>

GELL, Alfred. "A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas". Traduction Márcia Martins Campos e Katia Maria Pereira de Almeida. In: *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 8, p. 174-191, 2001.

_____. "Vogel's Net: Traps as Artworks and Artworks as Traps". *Journal of Material Culture*, vol. 1, nº 1, pp. 15–38, 1996. DOI: 10.1177/135918359600100102.

SILVA, Denise Ferreira da. Em estado bruto. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Vicência Barbosa. In: *Caderno de Leituras*, n. 98. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020.

LAGROU, Els. *Entre xamãs e artistas: entrevista com Els Lagrou*. Disponível em <https://revistausina.com/2015/07/15/entrevista-com-els-lagrou/>

MIGNOLO, Walter D. Aiesthesis decolonial. *Calle 14 revista de investigación en el campo del arte*, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 10–25, 2011. DOI: 10.14483/21450706.1224. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/c14/article/view/1224>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmopolítica: três definições indígenas. In: Teia dos povos. Disponível em << <https://teiadospovos.org/cosmopolitica-tres-definicoes-indigenas/>>>.